

Apresentação

O volume 2, número 3 da *Brazilian Journal of International Relations* (BJIR) está composto de artigos sobre temas diversos das Relações Internacionais contemporâneas: a questão energética; a questão do desenvolvimento da China; as contribuições de realistas e liberais sobre a percepção de ameaça; o papel do direito ambiental no estabelecimento de formas transnacionais de autoridade política; e a problemática da cooperação amazônica na era da globalização. O volume apresenta também duas resenhas de livros recentes e relevantes para os debates na área sobre cenários futuros a partir da realidade norte-americana.

No primeiro artigo desta edição, "*A Energia e seu Controle Histórico: A Questão do Etanol como Recurso Energético Alternativo*", José Alexandre Altahyde Hage procura demonstrar como as classes dominantes controlaram recursos energéticos naturais ao longo da história dos países e como esse controle, mais recentemente, ficou a cargo dos Estados industrializados. Para explicar esse processo político, econômico e social, o autor combina duas perspectivas teóricas: o marxismo (aplicado às relações internacionais) e o realismo (política do poder). Segundo Hage, os interesses materiais das classes dominantes no tocante ao domínio da energia apoiado por estados específicos garantem o predomínio deles e suas classes dominantes no controle dos fluxos globais de energia e, por conseguinte, a supremacia sistêmica internacional. Dessa maneira, ergue-se grandes desafios aos países em desenvolvimento, especificamente sobre as suas capacidades e possibilidades para alterar o *status quo* do atual sistema internacional por meio dos combustíveis renováveis.

No artigo "*Desenvolvimento Pacífico Chinês frente à estratégia de 'um século americano no Pacífico'*", Marcos Cordeiro Pires discute a relação entre os Estados Unidos e a China no século XXI. Ao observar a evolução de indicadores econômicos, políticos e também militares, o autor sugere a existência de um declínio relativo dos Estados Unidos e uma rápida ascensão pacífica da China. Este contexto internacional poderia gerar uma disputa acirrada pela hegemonia mundial. A estratégia estadunidense de "Um século americano na Ásia-Pacífico" pode ser interpretada como uma indução, um teste sobre a China sobre suas pretensões, cooperativas ou conflitivas, no atual configuração global. Todavia, segundo Pires, a emergência da China pauta-se pela lógica do desenvolvimento pacífico e seu comprometimento com a estabilidade das relações internacionais, apesar das investidas estadunidenses no continente asiático.

O terceiro artigo, "*Threat Perception in International Relations: The Realist and the Liberal Accounts*", Felipe Mendes Sozzi Miguel realiza uma discussão teórica sobre a percepção de ameaça nas duas principais correntes teóricas de Relações Internacionais: o realismo e o liberalismo. Segundo Miguel, dependendo da corrente, a percepção da ameaça tende a gerar *inputs* aos tomadores de decisões em prol do conflito ou da cooperação, da lógica do poder ou da busca ideacional da paz perpétua. O uso de cada uma das perspectivas tende a depender do objeto e do momento histórico.

Em "*A Efetivação do Direito Ambiental no Século XXI Através de um Estado Transnacional Ambiental*", Charles Alexandre Souza Armada analisa a posição do Estado contemporâneo frente às crises de âmbito planetário. Para Souza, o Estado moderno tem se demonstrado limitado para enfrentar as crises atuais. Devido a esse motivo, faz-se necessário identificar alternativa para a amenização e solução rápida e duradoura das crises. Para o autor, as ações em torno da busca de solução à crise ambiental global por meio da construção de um Direito Ambiental podem representar um guia nesse sentido. Especificamente, porque sinaliza a necessidade da instauração de autoridade política estatal transnacional ambiental para a coordenação e solução coletiva de problemas atuais e futuros da humanidade. Portanto, ao invés de menos Estado ou mais Estado, trata-se da necessidade do engenho de novos Estados, os quais, em perspectiva cooperativa transnacional poderiam buscar soluções para as crises que assolam a humanidade nesse início de século XXI.

Já o artigo "*O Multilateralismo Amazônico, entre Êxitos Geopolíticos e Entraves Executivos: Trajetória do Processo de Cooperação de 1978 a 2012*", de Rodolfo Ilário da Silva apresenta uma retrospectiva do processo de cooperação entre os países da região amazônica de 1978, quando foi assinado o Tratado de Cooperação Amazônica, até hoje. Silva identifica cinco fases neste período: de 1978 a 1989, fase defensivo-protetionista; de 1989 a 1994, fase de incentivo e fortalecimento político; de 1995 a 2002, amadurecimento institucional; de 2002 a 2009, marcada pela intensificação dos contatos entre os países amazônicos, porém seguida de uma crise institucional; e, de 2009 a 2014: fase de "relançamento da OTCA", pautada nas diretrizes da Agenda Estratégica de Cooperação Amazônica. Em seguida, o autor aponta as principais características do processo, os resultados alcançados pelos países amazônicos e as principais dificuldades persistentes para a consecução dos objetivos regionais comuns. O texto de Silva parece indicar que a mesma lógica prevalecente na integração sub-regional do Mercosul tende a ser reproduzida no contexto amazônico. Dessa maneira, a tendência será de uma integração regional *soft*, sem

grandes avanços institucionais, na mesma medida em que permite ao Brasil “liderar” a região e garantir seus interesses nacionais de ampla autonomia.

Em "*Sete globalizações?*", Michelangelo Bovero nos traz diversos questionamentos sobre o termo "globalização", tais como: porque contrapô-lo ao termo "universalismo"?; é um termo realmente novo? Dessa maneira, Bovero reflete sobre a plausibilidade de se delinear as ideias de "pessoa global" e de "democracia global", duas expressões que indicam duas figuras normativas da globalização, jurídica e política, justamente para fazer emergir a tensão com a globalização econômica e a globalização tecnológico-midiática. Nessa perspectiva, Bovero recupera discussões clássicas no direito internacional sobre a posição do indivíduo no mundo global e atualizá-las na virada do século XX para o XXI.

Por fim, na seção Resenhas, Oliver Stuenkel analisa a obra “*The Crisis of American Foreign Policy: Wilsonianism in the 21st Century*”, de G. John Ikenberry; e Helvisney Reis-Cardoso analisa a obra “*America at a Crossroad: Democracy, power and the Neoconservative Legacy*”, de Francis Fukuyama.

Esperamos que a leitura do volume 2, número 3 da *BJIR*, seja útil aos leitores de um modo geral, especificamente aqueles profissionais atuantes na área de Relações Internacionais e Políticas Públicas. Por fim, desejamos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo para nossos leitores e nossos colaboradores. Boa leitura a todos!

Os Editores